

Ricardo António Alves

ANARQUISMO  
E NEO-REALISMO  
FERREIRA DE CASTRO  
NAS ENCRUZILHADAS DO SÉCULO



Âncora  
editora

Em 3 de Dezembro de 1923 surgiu o primeiro número do "Suplemento Literário e Ilustrado" do diário *A Batalha*, órgão da CGT, de que se publicaram 166 edições, até 31 de Janeiro de 1927, com Mário Castelhana a assegurar as funções de redactor-principal<sup>1</sup>. Em 1925 a CGT publicaria a revista *Renovação*, cujo último dos 24 números estaria nos postos de venda a 15 de Junho de 1926. Em ambos os periódicos pontificou Ferreira de Castro, com crónicas e contos. N'*A Batalha* publicou, com ilustrações de Roberto Nobre, *A Epopeia do Trabalho*, em 1925, textos reunidos em volume no ano seguinte<sup>2</sup>.

O que significou para o jovem escritor, então jornalista *free-lancer*, a colaboração neste diário, foi revelada pelo próprio:

"Eu escrevo em muitos jornais - e em todos eles com independência. Mas há apenas um em que eu me sinto verdadeiramente livre, um apenas em que eu sinto não serem efémeras as minhas ideias, os meus períodos, as minhas palavras - é neste. [...] É n'*A Batalha* onde se pode ter a noção das duas grandes coisas que eu amo na vida, depois de me ter desiludido de tantas outras - o Futuro e a Liberdade."<sup>3</sup>

As teias relacionais estabelecidas entre Castro e outros escritores e publicistas libertários - Campos Lima, Manuel Ribeiro, Emílio Costa, Julião

---

<sup>1</sup> Ver Jacinto Baptista, *Surgindo vem ao longe a nova aurora: para a história do diário sindicalista A Batalha (1919-1927)*, Amadora, Bertrand, 1977, p. 67.

<sup>2</sup> Ainda em 1925, o autor teve conhecimento da pretensão dum grupo anarquista espanhol de verter a *Epopeia* para o castelhano: "[Abílio Ribeiro/Rua de Cima da Vila, 9-Porto/Portugalio] Porto, la 6 an de Dezembro de 1925 a / Prezado camarada: / O Grupo Eclético (Anarquista) KRISOL, de Léon, Espanha, desejando traduzir e publicar em folheto uma série de artigos seus insertos no Suplemento de *A Batalha* sob o título *Epopeia do Trabalho*, pede-me para eu lhe solicitar a devida [sic] autorização. Igual pedido tenho para Roberto Nobre, pelas ilustrações que acompanhavam os mesmos artigos e que o citado Grupo deseja também reproduzir, mas, como não sei aonde dirigir-me, rogo ao camarada que, no caso de lhe não ser penoso, o consulte e me transmita, juntamente com a sua, a respectiva resposta. / Se for da sua preferência que a tradução seja levada a efeito por qualquer pessoa que para tal queira indicar, peço mo comunique para eu dar conhecimento aos camaradas do grupo KRISOL. / Querendo o camarada obter quaisquer informes a meu respeito, poderá pedi-los ao Dr. Campos Lima. / Colocando-me incondicionalmente ao seu dispor, sou / camarada certo / Abílio Ribeiro". MFC / B-1 / 0189-Abílio Ribeiro / Cx. 30 / Doc. 1. Dac.

<sup>3</sup> *A Batalha*, 23 de Fevereiro de 1926, *apud* Jacinto Baptista, *Surgindo vem ao longe a nova aurora: para a história do diário sindicalista A Batalha (1919-1927)*, Amadora, Bertrand, 1977, p. 10.

Quintinha, Luís Consiglieri Sá Pereira, Pinto Quartim, Mário Domingues, Nogueira de Brito, Cristiano Lima - "esse pequeno grupo de intelectuais inconformistas, idealistas e sinceros [...] que (queiram ou não queiram reconhecer a sua influência) marcou a sua época na sociedade portuguesa", como um quarto de século mais tarde Quartim recordaria a Castro<sup>4</sup> - são relativamente conhecidas; mais acessível ao investigador, pelo que tem sido publicado, é o fraterno convívio com os seus maiores amigos, simultaneamente companheiros em ideais: Assis Esperança, Roberto Nobre e Jaime Brasil.

Importa demorarmo-nos um pouco em Jaime Brasil (1896-1966). Ensaísta, crítico, repórter, polemista, introdutor no nosso país de trabalhos de sexologia, a sua actividade literária teve particular relevo no âmbito dos estudos biográficos: Ferreira de Castro (1931 e 1961), Victor Hugo (1940, 1965), Diderot (1941), Zola (1943, 1966), Rodin (1944), Leonardo da Vinci (1959), Velásquez (1961) e Balzac. Possuidor de cultura vasta e verbo percuciente, o grande estilo de que se serviu na correspondência faz dele um dos melhores epistológrafos<sup>5</sup>.

Alexandre Babo, amigo de Brasil, apesar da sua misantropia e "das diferentes opções"<sup>6</sup> políticas, recorda-o como "o mais belo anarquista que conheci em toda a vida"<sup>7</sup>. Também neste caso estamos longe, muito longe, dum anarquismo superficial e de convívio. Jaime Brasil foi um destacado activista libertário, não só através da escrita como pela acção. Nos anos anteriores à II Guerra conduziu em Paris uma actividade relevante nos meios de oposição ao Estado Novo, relacionando-o estreitamente com José Agostinho das Neves, um dos representantes portugueses da Associação Internacional dos Trabalhadores,

---

<sup>4</sup> Carta de Pinto Quartim, Lisboa, 15 de Julho de 1950.

<sup>5</sup> Ver as missivas dirigidas a Castro que editámos in VV. AA., *100 cartas a Ferreira de Castro*, Sintra, Museu Ferreira de Castro, 1992, pp. 87-88, 97-98, 120-121, 126-127, 129-130 e 134-135; e VV. AA., *Correspondência: 1922-1969*, Lisboa, Editorial Notícias, 1994, pp. 128-141.

<sup>6</sup> Alexandre Babo, *Recordações de um caminheiro*, Lisboa, Escritor, 1993, p. 190.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 189.

organização sindicalista-revolucionária<sup>8</sup>. Invadida e ocupada a França, regressou a Portugal sendo detido e condenado em 1941 a 20 meses de prisão<sup>9</sup>. Poucos anos depois, recordando o sucedido, escrevia a Ferreira de Castro: "Voltei e muito justamente meteram-me na cadeia. Para serem lógicos deveriam ter-me mandado para o Tarrafal. Bem o mereci"<sup>10</sup>.

No pós-guerra, em face das expectativas quanto ao derrube de Salazar, encontramos Jaime Brasil com Alexandre Vieira, Campos Lima, Emílio Costa e Pinto Quartim, autores duma "proposta constitucional"<sup>11</sup> - a abolição do Estado era ainda uma quimera -, contribuindo o ensaísta, antigo oficial do exército, com um programa de "Defesa Nacional", que, para além da substituição da palavra "guerra" por "defesa", como observou João Freire, encerrava uma noção de "defesa miliciana e antimilitarista ou, se se preferir, do povo em armas"<sup>12</sup>.

Também por essa altura, com a Oposição congregada em torno do Movimento de Unidade Democrática, assistiu-se à tentativa de refundação da CGT. Brasil manteve então correspondência com Alexandre Vieira. Excertos de duas cartas do biógrafo de Ferreira de Castro foram publicados por Alberto Pedroso e António Ventura. Na primeira, discorda de Vieira sobre a utilidade de exigir o adiamento do acto eleitoral: "não me parece que assinar um papel a pedir ao ditador que adie as «suas» eleições para podermos eleger deputados à «sua»

---

<sup>8</sup> Ver João Freire, "Sobre o anarquismo português e a Guerra de Espanha", VV. AA., *Portugal e a Guerra Civil de Espanha*, Lisboa, Edições Colibri/Instituto de História Contemporânea, 1998, p. 102. Na correspondência com Castro há algumas alusões a Neves: ver VV. AA., *Correspondência: 1922-1969*, Lisboa, Editorial Notícias, 1994, pp. 129, 130 e 132.

<sup>9</sup> Ver João Freire, "Sobre o anarquismo português e a Guerra de Espanha", VV. AA., *Portugal e a Guerra Civil de Espanha*, Lisboa, Edições Colibri/Instituto de História Contemporânea, 1998, 1998, pp. 205 e 206.

<sup>10</sup> VV. AA., *100 cartas a Ferreira de Castro*, Sintra, Museu Ferreira de Castro, 1992, p. 88 - 29 de Maio de 1948.

<sup>11</sup> João Freire, *A Evolução Ideológica de Alguns Exponentes do Anarquismo Português no Pós-Guerra*, Separata da *Revista da Biblioteca Nacional*, s. 2, N.º 10, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1995, p. 140.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 154.

assembleia, não me parece ser contribuir activamente"<sup>13</sup>. A segunda, tratando da CGT, complementa a anterior e dispensa comentários pela clareza com que se nos apresenta:

"Libertário como sempre me considerei, não só apolítico como anti-político, sempre no meu íntimo desaprovei a demasiada interferência dos libertários nas organizações de trabalhadores. Estes é que devem organizar-se como entenderem e orientar-se pelas ideologias que quiserem. Tutelas, não. Aos libertários cabe exercer a sua acção ou nos seus organismos específicos ou nos respectivos sindicatos, mas como simples componente deles e não como mentores."<sup>14</sup>

Esta personagem, que a Alexandre Babo dava a ideia "de um homem solitário à porta duma caverna, defendendo se fosse preciso à cajadada a sua solidão e a sua independência"<sup>15</sup>, foi o principal biógrafo de Ferreira de Castro, sobre ele escrevendo já em 1931:

"A estranha emotividade de Ferreira de Castro, hipersensível a todas as dores alheias, que afere pelas próprias, impelem-no, com uma ternura fraternal, para as massas proletárias, cujas necessidades conhece profundamente, sem contudo se imiscuir nas lutas de classe ou de partido."<sup>16</sup>

Menos conhecidas, por enquanto, são as relações com outros membros destacados do anarco-sindicalismo, necessariamente não tão estreitas como as que manteve com os literatos atrás referidos. O pouco que vamos ficar a saber revela o mítico Manuel Joaquim de Sousa, primeiro secretário-geral da CGT, com um tratamento de grande cordialidade<sup>17</sup>; Alexandre Vieira, primeiro redactor-

---

<sup>13</sup> Porto, 4 de Outubro de 1945 - *apud* Alberto Pedroso e António Ventura, *Alexandre Vieira: 30 anos do sindicalismo português*, Lisboa, 1985, p. 135.

<sup>14</sup> 7 de Maio de 1946, *ibidem*, p. 137.

<sup>15</sup> Alexandre Babo, *Recordações de um caminheiro*, Lisboa, Escritor, 1993, p. 188.

<sup>16</sup> Jaime Brasil, "Ferreira de Castro", VV. AA., *Ferreira de Castro e a sua Obra*, Porto, Livraria Civilização, 1931, p. 32.

<sup>17</sup> Carta de Manuel Joaquim de Sousa, [1931 ou 1932].

principal de *A Batalha*, admirador entusiasta do escritor<sup>18</sup>; ou Mário Castelhana, outra figura referencial do sindicalismo libertário, que encabeçou a CGT e *A Batalha* após o 28 de Maio, vindo a morrer no Tarrafal, vítima das precárias condições do campo da morte lenta.<sup>19</sup> Quando, após a revolta de Fevereiro de 1927, foi deportado para Angola, em Novembro, a sua mulher pôs-lhe na bagagem, entre outros livros, *A Casa dos Móveis Dourados*<sup>20</sup>, publicado nesse mesmo ano nas Edições Spartacus, de Campos Lima, tendo talvez em mente as palavras desse fictício Leónidas, também ele um libertário insurrecto: "Esta é a minha verdade. E todos aqueles que oferecem a sua cabeça à sua verdade terão cumprido uma nobre missão"<sup>21</sup>.

Em 1938, no *In Memoriam de Martins Fontes*, Castro revelou tencionar corresponder à sugestão deixada pelo poeta brasileiro num dos seus últimos escritos:

"Pouco antes de morrer, Martins incitava-me, num de seus livros, a escrever a biografia de Kropotkine, cuja personalidade admirava, pelo que ela encerrava de beleza, de isenção e de sacrifício a uma ideia de amor universal.

A princípio, hesitei em aceitar a sugestão.

---

<sup>18</sup> No exemplar que ofereceu a Ferreira de Castro do livro *Em Volta da Minha Profissão - Subsídios para a História do Movimento Operário no Portugal Continental*, Lisboa, 1950, Vieira após a seguinte dedicatória: "A Ferreira de Castro, grande romancista, que maior o é por ter vindo do Povo, que não renega - com um grande abraço do camarada e amigo velho /S/c, Praça das Flores, 7, 2.º / Alexandre Vieira / 14/XII/950." É importante referir que Vieira considerava-se não um anarco-sindicalista, mas um sindicalista-revolucionário, distinção que, sem embargo da sua relevância no âmbito da história das ideias socialistas e revolucionárias, consideramos, no âmbito deste ensaio, um quase que especioso pormenor. Ver carta de Alexandre Vieira a Emílio Costa, Paris, 10 de Agosto de 1931, *apud* Alberto Pedroso e António Ventura, *Alexandre Vieira: 30 anos do sindicalismo português*, Lisboa, 1985, pp. 8-11.

<sup>19</sup> Ver João Freire, "Castelhana, Mário dos Santos", in Fernando Rosas e J. M. Brandão de Brito, *Dicionário de História do Estado Novo*, vol. 1, Venda Nova, Bertrand Editora, 1996, pp. 133-135.

<sup>20</sup> Jacinto Baptista, *Surgindo vem ao longe a nova aurora: para a história do diário sindicalista A Batalha (1919-1927)*, Amadora, Bertrand, 1977, p. 138.

<sup>21</sup> Ferreira de Castro, *A Casa dos Móveis Dourados*, Lisboa, Edições Spartacus, 1927, p. 194 - "O ódio da proscrita".

Agora, porém, estou decidido a cumprir a vontade do amigo que a morte levou; estou decidido a descrever a vida exemplar de Kropotkine, em homenagem à memória de Martins Fontes."<sup>22</sup>

Informou-nos a viúva do escritor, a pintor Elena Muriel Ferreira de Castro, que quando o conheceu, em 1936, a obra e a personalidade do doutrinário russo exerciam nele um grande fascínio. Interesse que vinha já de tempos mais remotos, como se verifica pelas referências no *Mas...*<sup>23</sup> Castro - diz-nos a sua biblioteca em Sintra - tentou levar a cabo essa biografia, documentando-se com textos do autor russo, incluindo a tradução francesa das suas memórias. Como fazê-lo, porém, com tantos trabalhos remetidos para a gaveta, censura inclemente, desalento de impossibilidade literária - estado de espírito que o retrato feito por Roberto Nobre, em 1935, eloquentemente transmite?

A sua obra partilharia, porém, desse sonho kropotkiniano.

---

<sup>22</sup> Ferreira de Castro, "Martins Fontes", *In Memoriam de Martins Fontes*, São Paulo, 1938, pp. 93 e 94 (ortografia actualizada). O brasileiro deixara, com efeito, um repto ao autor português: "Tantas, tantíssimas vezes tenho dito a mim mesmo: - porque será que um escritor genial, como Ferreira de Castro, escreve com o próprio sangue, postejando a carne, transfundindo a vida, não quis gravar num livro imortal a História da Vida de Pedro Kropotkine? Apelo. Aguardo. Terei, ainda em meus dias, esse prazer, esse consolo, de ver a benção da compassividade, do Humanitarismo? Espero, mas, como sempre, ansiosíssimo.", *Martins Fontes* [1937], p. 96.

<sup>23</sup> Ver Ferreira de Castro, *Mas...*, Lisboa, 1921, pp. 30 e 31.